

PSDB e PT estão superados

Luiz Carlos Bresser-Pereira,
Entrevista ao *Jornal do Brasil*, 21.11.06

Integrante do primeiro time de pensadores do país, o economista e cientista social Luiz Carlos Bresser-Pereira acredita que o Brasil só vai se desenvolver quando recuperar a idéia de nação, perdida nos últimos 25 anos. Sem nação, diz ele, não há desenvolvimento nacional. Por nação, entenda-se uma comunidade de pessoas que compartilham um destino comum - uma sociedade que, a despeito dos conflitos internos, tem um acordo nacional básico para competir com os demais Estados-nação. Em vários de seus artigos acadêmicos e na entrevista a seguir, Bresser defende a idéia de que uma nação será tanto mais forte quanto mais coesa e mais capaz for de definir o próprio destino, em vez de se deixar guiar pelas recomendações externas.

É com essa convicção que o professor da Fundação Getúlio Vargas acha que nem PT, nem PSDB têm hoje qualquer idéia do que fazer para alcançar o desenvolvimento. “São partidos de centro-esquerda que querem aprofundar a democracia, mas não sabem como”, afirma. Bresser dedica esforço, na academia e na imprensa, a vencer o que chama de “ortodoxia convencional” - o método excessivamente conservador de condução da economia aplicado pelos governos Fernando Henrique e Lula. “A ortodoxia convencional ficou na defensiva”, garante o economista, enxergando o crescimento de uma massa crítica, disposta a defender um novo modelo de desenvolvimento.

Depois de ajudar a fundar o PSDB e de ocupar dois ministérios no governo FH (foi também ministro da Fazenda sob a gestão de José Sarney), Bresser ocupou tão-só o papel de livre pensador, condição da qual fala a seguir.

- Para o sr., PT e PSDB apresentam hoje um discurso superado, e o resultado foi o caráter morno do debate eleitoral. O que houve?

- Temos de nos dar conta do quanto PSDB e PT são parecidos um com o outro e como eles perderam a capacidade de entender o país. Ambos têm um discurso superado porque nada têm a dizer sobre nação e desenvolvimento econômico. O problema fundamental do Brasil é recuperar a idéia de nação e voltar a se constituir numa nação. Somente dessa forma poderá voltar a se desenvolver.

- Em que momento a rota foi perdida?

- Do início do século 20 até 1964, o Brasil viveu um grande ciclo social chamado “ciclo nação e democracia”. Foi marcado pela preocupação com a

identidade nacional: o que é o Brasil, como a nação pode se fortalecer e como pode se desenvolver. Esse ciclo terminou em 64 e se refere ao nível de Estado, com o modelo nacional-desenvolvimentista, enormemente útil à industrialização brasileira. Esse ciclo entrou em colapso em 64, quando os dois atores fundamentais do pacto político nacional-desenvolvimentista - industriais e militares - se associaram aos americanos no golpe de Estado, em resposta à radicalização da esquerda. Começou então o segundo ciclo, agora ao nível da sociedade. Foi esse ciclo que deu origem ao PSDB e ao PT. É um ciclo de “democracia e justiça social”.

- As idéias de nação e desenvolvimento são abandonadas aí?

- Exatamente. Esse ciclo se mostrará incapaz e oferecer as respostas necessárias para o desenvolvimento. Partiu de um pressuposto equivocado de inexistência da burguesia nacional. Ao fazer isso, rejeitava a própria idéia de nação, uma vez que aquela aliança era essencial para a constituição de uma nação. E sem nação não há desenvolvimento, pois a globalização é um quadro de competição entre Estados-nação. O resultado é que, depois de 80, o Brasil praticamente estagnou.

- E onde entra o erro do PT e do PSDB?

- Qual foi a estratégia que os dois partidos adotaram? O aumento do gasto social. O país estava de acordo, nos anos 80, que, para resolver o problema da educação, da saúde, da assistência social, era preciso aumentar o gasto. Isso foi possível pelo aumento da carga tributária. Mais impostos financiaram o gasto. Foi bom porque houve diminuição da pobreza absoluta, houve melhoria da quantidade do ensino, o analfabetismo diminuiu bastante, a saúde evoluiu muito, os índices de mortalidade infantil caíram, o SUS, com todos os seus problemas, é um sucesso. Mas essa estratégia está esgotada porque não é mais possível aumentar os impostos. Tanto PT quanto o PSDB são partidos de centro-esquerda que querem aprofundar a democracia, mas não sabem como.

- E como se faz?

- Tenho defendido o que chamo de “novo desenvolvimentismo”, que se opõe à ortodoxia convencional. A mudança fundamental não é tanto em termos de intervenção do Estado. A diferença está na política de crescimento com poupança externa defendido pela ortodoxia convencional. Não queremos descontrolar o câmbio, como eles propõem. Queremos uma política de juros muito mais baixa. A combinação entre câmbio apreciado e juros altos é insustentável para a economia brasileira. Ao mesmo tempo queremos um ajuste fiscal severo.

- Mas a ortodoxia vigente prega o ajuste fiscal acima de todas as coisas.

- Há uma retórica que explica todos os males do Brasil pelo ajuste fiscal. Mas a ortodoxia é frouxa em matéria de ajuste fiscal. Há 15 anos estão no poder. Há oito definem uma meta fiscal em termos de superávit primário. E atingem. Mas os problemas não se resolvem. Então é sinal de que não estabeleceram uma meta suficiente. O Estado é espoliado em termos de juros. Interessa à ortodoxia manter o Brasil semi-dependente. É falso que o Brasil não tenha recurso para se desenvolver.

- Qual a alternativa?

- Os países asiáticos estão fazendo a revolução capitalista à seu modo, de acordo com o novo desenvolvimentismo. A Argentina também.

- O sr. ressaltou o quanto PT e PSDB são semelhantes. Mas ambos têm visões distintas, por exemplo, sobre o papel do Estado.

- O PT tem um discurso mais à esquerda do que o PSDB. Ao perder o conceito de nação, o PSDB caminhou para a direita. E o PT, não. Mas o (Antonio) Palocci (ex-ministro da Fazenda) é um exemplo de política de direita. Guinada para a direita, todos deram. O PSDB foi a principal vítima, sem dúvida. O PSDB de 1988 era mais à esquerda do que é o de hoje. A grande esperança em relação ao PT e, principalmente, ao PSDB, é que um líder mude essa tendência. Acho que esse líder é o José Serra. É possível, com ele, reencontrar a idéia de nação e a idéia de esquerda.

- Como o sr. imagina o segundo mandato petista na Presidência da República?

- Desde 2002 começou a existir uma crítica muito mais competente à política macroeconômica do governo. A ortodoxia convencional ficou na defensiva. A idéia de que a alternativa a eles é o populismo chega a ser ridículo. Populistas são eles, pois fazem populismo cambial e são frouxos fiscalmente. Existe um espaço, sim, para a mudança. Resta saber se o presidente Lula vai aproveitar. O Lula é um político comum, não é um estadista. E políticos comuns seguem a linha dominante da sociedade. Se a sociedade estiver realmente mudando, recuperando o conceito de nação, ele tenderá a mudar também. Vejo essa mudança nos empresários industriais. Nos intelectuais, não. Estes são alienados. É preciso restabelecer a aliança com a burocracia do Estado.